

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE CAMPO (ADAPTAÇÃO / CNFCP)	CÓDIGO DA FICHA					
	RJ	02	02	04	FC	07
	UF	BEM	Loc.	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

BEM INVENTARIADO	Jongo
LOCALIDADE	Fazenda São José da Serra
MUNICÍPIO/ UF	Valença/ RJ

2. IDENTIFICAÇÃO DO MATERIAL PRODUZIDO EM CAMPO (ENTREVISTAS GRAVADAS, VÍDEOS, QUESTIONÁRIOS...)

GRAVAÇÕES SONORAS E VISUAIS	Antônio Fernandes do Nascimento. 1 fita K7 60 min., sonoro, mono, TDK A60 Low noise. Entrevistas feitas em 04/02/02 e 15/03/04.	Anexo 4, Registro 4
QUESTIONÁRIOS	RJ_02_02_04_Q40_004	

FICHA DE CAMPO (ADAPTAÇÃO / CNFCP)	RJ	02	02	04	FC	07
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

3. DESCRIÇÃO DO BEM EM SEU CONTEXTO

Toninho Canecão é praticante da dança do tambu e toca o instrumento de mesmo nome. Além disso, é o principal representante dos moradores da Fazenda de São José da Serra junto à Prefeitura de Valença, aos meios de comunicação e agentes externos de maneira geral (jornalistas, pesquisadores, etc.). Está ativamente engajado na defesa dos interesses da comunidade de São José da Serra, reconhecida como quilombo, pela Fundação Palmares, em 5 de abril de 1999 (Diário Oficial). Toninho Canecão entende que a preservação das tradições culturais locais, algumas delas extintas em outros locais de Valença ou do Estado do Rio de Janeiro, é parte da estratégia de promoção dos interesses locais e conquista de melhorias na qualidade de vida. Em 2002, Toninho Canecão exerceu o cargo de Assessor da Secretaria de Cultura de Valença, nomeado para tratar de assuntos relativos à cultura afro-brasileira.

Aprendeu a tocar, dançar e tocar participando do tambu na Fazenda. Sua mãe, Dona Zeferina do Nascimento, era a líder religiosa local, dirigia o terreiro de umbanda e era a guardiã do tambu. A dança é de conhecimento geral entre os moradores da fazenda, embora alguns se destaquem como solistas que puxam os pontos. Não é o caso do entrevistado. Como ele diz, sua voz é de taquara rachada.

Toninho Canecão dá ênfase à preservação da forma de expressão tradicional. Quando se apresentam fora da Fazenda, ele observa o canto dos demais membros da comunidade. Em suas palavras:

“O nosso negócio é preservar a memória do passado. Eu acho que na hora que todo o mundo inventar, cada um vai trabalhar no que é seu, e como é que fica? Até eu chamo muito a atenção. Outro dia nós fomos em Conservatória, meu irmão tirou um jongo, cantou. Quando saiu, eu corrigi – olha, não faz isso não, isso aí não pega bem. Nós estamos aqui por quê? Por que que existe a comunidade? Porque existiu um cuidado... então isso aí acho que tem que preservar a imagem deles cantando...” “Quando a gente viaja no ônibus, na volta eu venho cobrando todo erro que acontece até chegar em casa, eles acha até que eu cobro demais. Então eu fico mais ligado nas coisas, ajudo a cantar, mas fico mais ligado pra não fugir as coisas.”

Toninho Canecão acredita, portanto, que o grupo de moradores de São José da Serra deve manter o tambu inalterado. A razão para essa insistência na tradição é sua convicção de que o tambu dançado no local é o que mais se aproxima das “origens”: “porque o jongo mesmo parece mesmo que da Arca ele veio pra Valença, porque [em] todo lugar que a gente encontra o jongo, alguém saiu daqui de Valença. Da Serrinha mesmo foi daqui de Valença, a Vovó Maria Joana foi daqui de Valença. Salgueiro foi pessoal da comunidade que levou, saiu de Valença”.

FICHA DE CAMPO (ADAPTAÇÃO / CNFCP)	RJ	02	02	04	FC	07
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

Toninho Canecão saiu da Fazenda São José da serra aos 16 anos de idade, portanto em 1961. Não gostava de trabalhar na roça e, de acordo com seu relato, teve atritos com sua família e com os fazendeiros. Consideravam-no um trabalhador ruim e deram-lhe o apelido de “cabo de enxada” porque ele revelou seu desejo de alistar-se no Exército para mudar de vida. Seu pai, Sebastião Antônio Fernandes (conhecido como Sebastião Zequinha) só deixava que ele fosse à escola alguns dias por semana, pois precisava dos filhos na agricultura. Seu irmão queria que ele trabalhasse apenas na roça. Nessa época, havia uma escola a 6km da fazenda. Toninho conta que morou com o avô cego durante algum tempo, na própria Fazenda, e lembra-se dos sentimentos de revolta quando ouvia as histórias que o avô contava sobre a vida dos negros. Tornou-se um “revoltado”:

“Passei a ser um garoto rebelde na comunidade, batia de frente com os proprietários e eles achavam que eu também não podia permanecer na comunidade porque eu tinha o pensamento extraviado, contrário. Até meu pai, tinha coisa que meu pai aceitava e eu achava que meu pai estava errado, eu batia de frente”.

Após um período trabalhando na construção civil no Rio de Janeiro (“troquei a enxada pela colher de pedreiro”), alistou-se no Exército, onde fez carreira. Hoje é militar reformado. A vida militar significou, para ele, a possibilidade de estudar e “alguma mordomiazinha”, pois era atleta (corredor fundista). Sobretudo, alterou radicalmente suas relações com os parentes:

“Eu consegui também ficar no Exército, fazer carreira no Exército, e isso fortaleceu muito a comunidade, porque eu era o maior ganho que tinha a comunidade. Todo mês eu visitava a comunidade levando recurso, remédio, roupa. Eu era a maior fonte de renda da comunidade”.

Casou-se com Iraci Gonçalves Fernandes, moradora do distrito de Santa Isabel.

Toninho conta que, fazendo uma visita aos parentes na Fazenda, há cerca de oito anos, observou a carência de uma liderança (seu pai teria sido um líder, mas faleceu há cerca de 20 anos): “a comunidade se desfez”, conta ele. Resolveu então morar na fazenda, durante alguns meses, com sua família, para conversar com os membros da comunidade e explicar-lhes a necessidade de ficar fiel às tradições.

Toninho identifica a vitalidade da tradição cultural com a coesão social dos moradores da fazenda. Sua percepção do valor de uma cultura própria, afro-brasileira, tradicional, foi possível após a vivência nas grandes cidades como militar e atleta do exército. “Porque eu conhecia alguma coisa lá fora... Eu fui valorizar a cultura da comunidade lá fora, achei que aquilo não podia morrer”.

Como a capela que seu pai tinha construído estava em ruínas, Toninho resolveu reconstruí-la e promover uma festa:

“Acho que o negócio é a gente fazer uma capela e promover festa. Foi assim que houve o interesse do pessoal de fora pelo jongo da comunidade. Como eu tinha amigos de fora, nós fizemos uma capelinha lá e nessa capelinha nós começamos a fazer a dança do jongo e eu convidando os nossos amigos de fora”.

Tiveram início então algumas reportagens no jornal O Dia sobre a comunidade da fazenda. Em função do trabalho junto à comunidade, foi convidado pelo prefeito de Valença para assumir a sub-prefeitura de Santa Isabel. Em 1996, elegeu-se vereador pelo Partido da Frente Liberal e cumpriu o mandato de quatro anos, embora tenha deixado o partido.

Toninho Canecão criou a Associação dos Moradores da Fazenda para promover os interesses da comunidade. Em primeiro lugar, pretende regularizar a situação fundiária mediante a revisão da demarcação proposta pela Fundação Palmares. O território demarcado pela Fundação, com cerca de 700 hectares, atinge diversas fazendas da região e ultrapassa o pretendido pela comunidade. Toninho destacou que diversos proprietários têm sido empregadores dos trabalhadores da Fazenda e que as tensões locais seriam agravadas com uma demarcação que não corresponde às necessidades da comunidade.

Desde o final dos anos 1990, a Fazenda promove festas abertas ao público e tem atraído principalmente cultores do jongo das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. A comunidade organiza-se para fornecer alimentação aos visitantes e colocar à venda produtos feitos no local (culinária, artesanato), durante as festas. Nelas, além da roda de caxambu, ocorrem outras atividades culturais, tais como missa afro, apresentação do coral jovem ligado a uma paróquia de Valença, bingo, capoeira, dança afro, etc.

Toninho vislumbrou, nesse interesse externo pelo caxambu da Fazenda, uma possibilidade de desenvolvimento econômico dos moradores, evitando que deixem o lugar em busca de trabalho nas cidades de Valença e Rio de Janeiro. Assim, quando o Quilombo receber o título de propriedade da terra, poderá tornar-se um centro de turismo histórico-cultural.

Em 2004, Toninho Canecão retomou os estudos e pretendia candidatar-se mais uma vez à Câmara de Valença. Hoje atua na luta pela desapropriação das terras do Quilombo e na implementação de projetos sociais na comunidade.

FICHA DE CAMPO (ADAPTAÇÃO / CNFCP)	RJ	02	02	04	FC	07
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

4. TÉCNICOS RESPONSÁVEIS

PESQUISADOR(ES)	Elizabeth Travassos		
SUPERVISOR	Elizabeth Travassos		
PREENCHIDO POR	Elizabeth Travassos e Letícia Dias		DATA 19/04/2004
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Letícia Vianna		